

ÍNDIOS

Selvageria branca

Caso de menino albino e sua adoção por funcionária pública põem em xeque a política da Funai

CRISTIANE RAMALHO E EUNICE PINHEIRO

A dois meses de completar quatro anos de idade, o índio guarani Vanderlei Fernandes está sentindo na pele que os brancos podem ser mais selvagens que os índios. Nascido albino por uma deficiência genética que atinge uma de cada 15 mil pessoas, Vanderlei foi rejeitado pela sua aldeia, em São Sebastião, litoral norte de São Paulo. Como o menino não tem pigmentação na pele, nos olhos e nos cabelos, os índios trataram-no como um estranho. Internado há três meses na Casa do Índio, no Rio de Janeiro, ele apresenta idade mental de um ano e meio, não fala e não anda. Há duas semanas, seu drama tornou-se um caso de repercussão nacional depois que ISTOÉ relatou a história. Na última semana, ficou claro que os caciques da Funai atuaram no episódio com uma selvageria maior que a ignorância dos guaranis.

“A Funai não é pai de ninguém”, afirma o presidente do órgão, Márcio Santilli, ao se esquivar do primeiro problema levantado com a publicação da reportagem: a adoção de Vanderlei pela funcionária pública Rojane Couto Souza. “A comunidade é que vai decidir”, emenda Santilli. O problema, no caso, é que a aldeia havia decidido rejeitar a criança. A Procuradoria Jurídica da Funai, em Brasília, nunca analisou nenhum processo de adoção. Todo o trâmite é descentralizado. No caso de Vanderlei, em que Rojane pretende entrar com o pedido formal junto ao Fórum de São Sebastião na segunda-feira 5, quem deverá se manifestar são os antropólogos da Administração Regional de Bauru, interior de São Paulo, à qual está ligada a aldeia Guarani.

Outra questão levantada com a denúncia do episódio é ainda mais grave: por que a Funai só percebeu a intensidade dos problemas depois que o índio estava



Na Casa do Índio Vanderlei é cuidado por Eunice



Márcio Santilli: “A Funai não é pai de índio”

com três anos e meio? Santilli não soube responder. Durante o período em que permaneceu na aldeia, o garoto foi internado diversas vezes em hospitais da região por causa de insolação. Como é albino, ele não pode ficar exposto à luz do sol. Pior: como não tinha a mesma cor de pele dos outros habitantes da aldeia, Vanderlei era rejeitado e não tinha assistência. A Funai só decidiu tirá-lo

da tribo depois que o menino foi internado com pneumonia, desnutrido e pesando apenas sete quilos, apesar de ter mais de três anos de idade.

Levou-o à Casa do Índio onde foi submetido a uma tomografia computadorizada, fez exames neurológicos, recebeu tratamento odontológico e de uma fonoaudióloga. A avaliação do neurologista Roberto Gusmão, em 11 de dezembro do ano passado, foi a seguinte:

“Criança albina, com retardo do desenvolvimento psicomotor, deambulando com apoio e sem contactar verbalmente. Apresenta-se irritável e pouco colaborador. Movimenta-se com dificuldade.” A Casa do Índio é um lugar inadequado para a evolução de qualquer criança. Trata-se de um abrigo para índios doentes, mais da metade deles com problemas mentais. O pior é que a maioria deles passa ali toda a vida. “Isso pode acontecer com Vanderlei, mas, a princípio, ele vai ficar aqui até se recuperar e poder voltar para a reserva”, diz a diretora da Casa, Eunice Cariri.

O sertanista Orlando Villas-Boas, 82 anos, avalia que o retorno não será bom para Vanderlei. “Este tipo de rejeição é comum quando os índios apresentam deficiências físicas ou mentais. Os que não podem sobreviver sozinhos são sacrificados”, diz Villas-Boas. Ele acredita, porém, que a adoção deve ser usada apenas como último recurso. Na segunda-feira 5, a Câmara de Índios e Minorias da Procuradoria da República vai analisar o caso do índio albino. Segundo o coordenador da Câmara, o procurador Haroldo Ferraz de Nóbrega, o assunto deve ser resolvido pelo juiz da Vara da Infância e da Juventude de São Sebastião. “Somente o juiz poderá decidir se a rejeição da mãe caracteriza ou não uma situação de abandono, que se resolve com um lar substituto”,

afirma. A possibilidade de adoção só deverá ser estudada em uma fase posterior. “O fato de ser albino o torna muito vulnerável para crescer dentro de uma comunidade indígena. Por sua própria condição e cultura o índio procura sobretudo o contato com a natureza. Na tribo ele não poderia ter uma vida normal”, diz Nóbrega. ■

Colaborou Eliane Trindade, Brasília